



O massacre no cinema e as novas epidemias no século XXI

Vivemos uma era em que impera o triunfo do inusitado. Contagiosas, as epidemias se disseminam sem justificativa ou explicação

Elza Macedo

Aurora, 20 de julho de 2012. Rapaz de 24 anos atira em espectadores de “Batman”. Mata 12 e fere 58. Planejava muito mais, considerando as 6.000 balas e a quantidade de explosivos que adquiriu. Nenhuma resistência à prisão, nenhuma explicação sobre o ato. “Era um garoto superlegal”, comentaram os colegas.

De quem é a culpa? Do cinema, que retrata a violência com tanta indiferença? Das leis norte-americanas, que facilitam o acesso a arma de fogo? Imprensa e autoridades se apressam em encontrar uma razão para a matança. Estamos todos embaraçados com a falta de pistas para significar.

A tragédia em Aurora é mais um episódio do que Jorge Forbes chamou de violências inusitadas, ou seja: “assassinatos que causam choque pela brutalidade associada ao inusitado.” Ela remete a tantos outros massacres, nos Estados Unidos, na Noruega, no Brasil. É algo epidêmico, que contagia, mas não por razões discursivas – não existe discurso que sustente isso. É o triunfo do inusitado.

Vivemos uma era de transmissão por contágio. Quase tudo “pega”, e não apenas as violências inexplicáveis. Quer ver? Quem não conhece uma pessoa que não tenha feito cirurgia bariátrica? Ou um estudante indiferente ao fracasso escolar? Ou alguém que se autoflagelou? E o que dizer da epidemia de Medeias? Mulheres usam os filhos como armas para se vingar dos maridos.

Essa era epidêmica determina novos laços sociais. Twitter e Facebook são a nova Ágora. Quer ser meu amigo? Pessoas que você talvez conheça. Veja o perfil de fulano, sete amigos em comum. “A festa está tão legal. Vou twittar para lotar”.

Como um bocejo. Pegou em você também?

O psicanalista tem de estar ligado a essas mudanças ao dirigir o tratamento de seus analisandos. Os velhos sintomas eram vistos à luz do Édipo e prestavam-se à interpretação. Já os novos sintomas passam pelo curto-circuito da palavra. Não há explicação. “Fiz porque fiz.”

Como hoje o pai já não é a bússola que foi na era da invenção da psicanálise por Freud, o homem desenvolve novos sintomas: violência inusitada, bulimia, fracasso escolar, escarificação, abuso das cirurgias... A fragilidade do laço social dá margem às epidemias sintomáticas. E tem solução? Tem, mas não num retorno aos valores do passado. Que cada um invente e se responsabilize por sua forma de viver, a partir de sua singularidade e suas circunstâncias.